

RISCO

Noite e neblina

CARLITO AZEVEDO

Num texto merecidamente famoso, Vilém Flusser diz que há os que se interessam pela neblina, onde as coisas mal se distinguem umas das outras, e os que se interessam por dissipar a neblina e dar a ver as diferenças que distinguem as coisas. Mas, quer se assumam esta ou aquela postura, o que não se pode negar é que tu-

do é neblina, ela é nosso contorno espiritual, e simplesmente não há um fora-da-neblina. A memória, Eros, a morte, a tradição, a família, as agendas são pura neblina. Beijos? Neblina. O trabalho poético e em artes plásticas de Leila Danziger luta contra a neblina, sabendo que é a luta mais vã. Organizar a morte em carimbos, agendas, números, metros? A vida também? Por quê? Guimarães Rosa diria: para convocar uma ne-

gatividade. Já John Ashbery está no lado oposto, o da indeterminação: "flutuamos/sobre os nossos sonhos como se numa barcaça feita de gelo/ atravessados por perguntas e por fissuras de luz estelar". Em comum, justamente isso: vivem atravessados por perguntas. Em Kombis hiperrealistas de 1970 ou em barcaças de gelo cruzando o rio dos sonhos, sempre estaremos aqui para perguntar. E quando não mais? ●

Protocolo de mudança

1
Desejo apenas o que há de mais inútil em seus arquivos
certificados de garantia
de todos os eletrodomésticos
obsoletos
manual da Kombi de 1970
pocket books (tantas capas
de naufrágios)
dezenas de fitas magnéticas
com camadas de ruídos
em tempo longuíssimo.

Leio 30 anos de nossas vidas
em fichas de débitos e créditos
e estou ali
— no centro —
de seus mundos em extinção.

Recolho promessas não realizadas
em sua língua da infância
calcinações do solo perdido
e prospectos
intactos
na língua renascida
(que é matéria incandescente).

Reviro blocos de décadas
cuja integridade se rompe
ao meu contato
e entendo —
brinco de céu e inferno com os objetos
sou o Além das coisas remotas.

2
Solto as páginas das agendas
libero os dias
embaralho semanas, meses, anos
modelo a massa do tempo que foi seu
— entre 1921 e 2011 —
um intervalo colossal
de eternidade humana.

Misturo minhas agendas
às suas extensões de branco
sobre branco
e reservas de futuros intactos
projetam-se
para além do fim dos tempos
que teve início
em trinta e um de dezembro
ou cinco de Tevet.

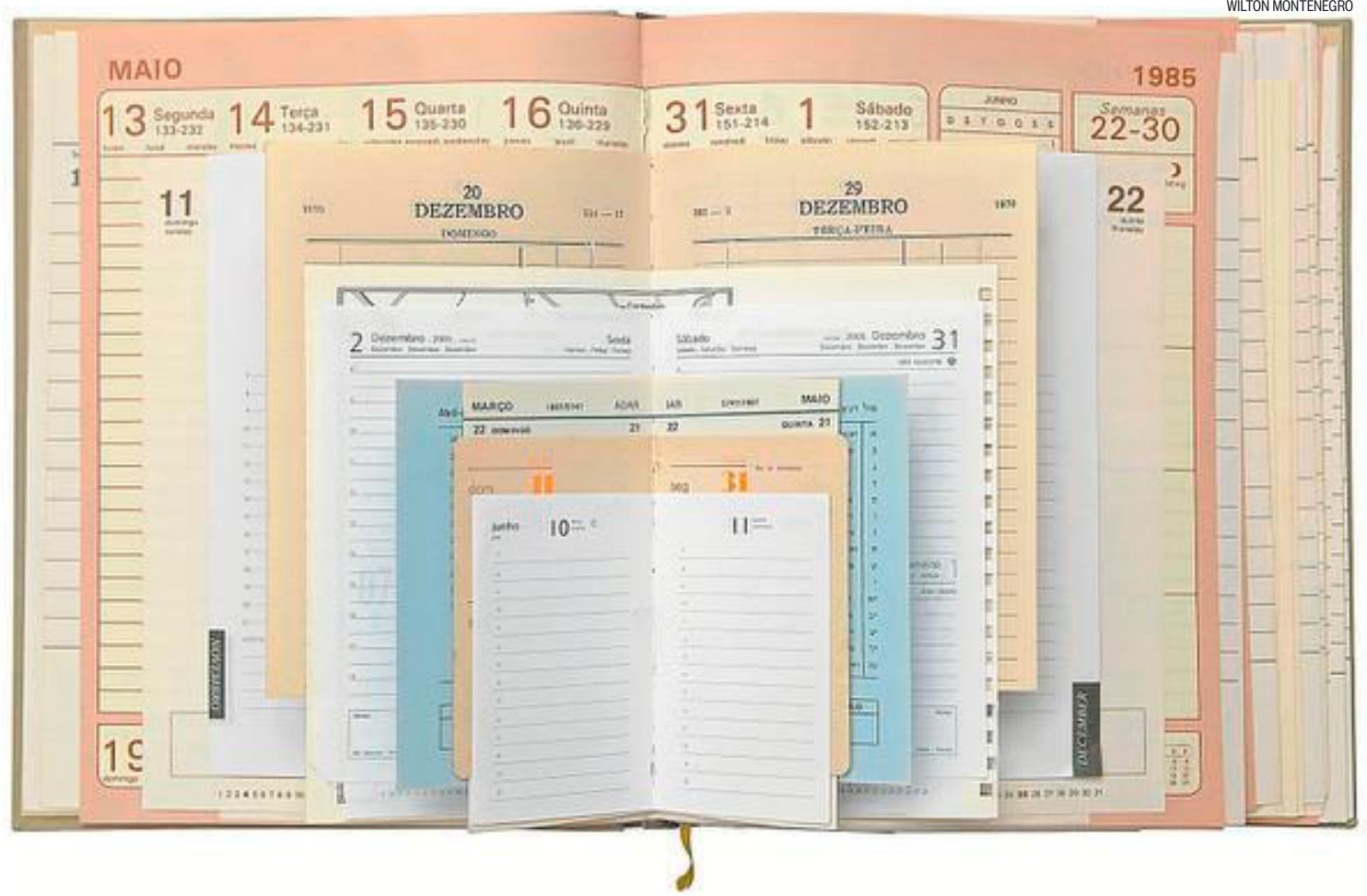
[Indiferente, a gata
atravessa calendários
e adormece
em maio de 1972.]

3
Desfaço o apartamento.
O quarto dos fundos era a pátria.

Guardo intacta
a lembrança das varandas
que se fecharam
antes de meu nascimento
com divisórias complacentes
permeáveis ao mundo

tudo vaza
para o interior
e janelas-fantasma
insistem em enquadrar
a lembrança do oceano.

Poema de Leila Danziger



WILTON MONTENEGRO



Leila Danziger.

"Todos os dias" (2014), obra criada com 365 páginas de agendas de diferentes anos encadernadas. O trabalho integra a exposição coletiva "Asas a raízes", que será inaugurada em 17 de janeiro de 2015 na Caixa Cultural Rio de Janeiro, sob curadoria de Sonia Salcedo.

A tradução é necessária

Meu duplo erótico

Ele diz que não está com vontade de trabalhar hoje. Tudo bem. Aqui na sombra
de trás da casa, ao abrigo dos ruídos da rua,
pode-se repassar toda sorte de sentimento antigo,
descartar uns, guardar outros.

Os jogos de palavras
entre nós se tornam muito intensos quando há
menos sentimentos no meio confundindo as coisas.
Outra rodada? Não, mas sempre as últimas coisas que
você escolhe dizer são encantadoras, e me resgatam
antes que a noite o faça. Nós flutuamos
sobre os nossos sonhos como se numa barcaça feita de gelo,
atravessados por perguntas e por fissuras de luz estelar
que nos mantêm acordados, pensando sobre os sonhos
enquanto eles acontecem. Que ideia. Foi você quem disse.
Eu disse mas posso ocultar que disse. Mas prefiro não fazer isso.
Obrigada. Você é uma pessoa muito agradável.
Obrigado. Você também é.

Poema de John Ashbery
Tradução de Ada Morandi